

DA RELIGIÃO AO ATEISMO: UM PERCURSO FEMININO.¹

Eva LANDA

Cada indivíduo participa assim de numerosas almas de massa, sua raça, sua comunidade religiosa, seu pertencimento a um Estado etc., e pode além disso elevar-se até uma parcela de autonomia e originalidade.
Sigmund Freud, *Psicologia de massas e análise do ego*

Na introdução de sua narrativa autobiográfica², Ayaan Hirsi Ali descreve o assassinato de Theo Van Gogh, cineasta holandês junto ao qual ela havia realizado, dois meses antes, um curta-metragem sobre a submissão da mulher muçulmana. O assassino deixara uma carta de cinco páginas enfiada com uma faca no peito de Van Gogh. "A carta me era destinada"³, precisa ela.

Apesar desse início dramático, a autobiografia de AHA é uma narrativa sensível, sincera, cheia de humor e mesmo auto-ironia, que nos conta o itinerário dessa mulher nascida na Somália, filha de um opositor à ditadura. Durante sua infância e adolescência, viveu exilada com sua família em vários países: Arábia Saudita, Etiópia, Quênia. Depois retornou à Somália quando a guerra civil começava, antes de escapar para a Holanda, fugindo um casamento forçado imposto por seu pai.

Tornou-se membro do Parlamento holandês, dedicando-se particularmente às dificuldades de integração das mulheres imigrantes e ao combate contra a excisão⁴.

Seria impossível dar conta aqui da grande riqueza de elementos fornecida por seus livros. Limitar-me-ei a alguns deles, para tentar esclarecer sua vivência singular da religião em que foi educada, o Islão, assim que do lugar que este concede às mulheres -

1 O presente artigo é inédito em língua portuguesa. Foi originalmente publicado em: Landa, E., «De la religion à l'athéisme. Un parcours de femme», Les Lettres de la SPF, n.º 36, Campagne-Première, 2016, p. 157-173. Tradução do texto e das citações pela autora.

2 *Ma vie rebelle*, Paris, NiL éditions, Susanna Lea Associates, 2006 (*Uma mulher rebelde*, Editorial Presença, 2007), seguido de *Nomade. De l'Islam à l'Occident, un itinéraire personnel et politique* (*Nômade*, Companhia das Letras, 2011), Paris, Ed. Robert Laffont, S.A., Susanna Lea Associates, 2011. Essas obras serão doravante citadas, respectivamente, pelas abreviaturas *MVR* e *Nom*. Utilizarei as iniciais *AHA* para *Ayaan Hirsi Ali*.

3 *MVR*, p. 9.

4 Atualmente AHA vive nos Estados Unidos.

com todas as reservas devidas ao fato que minhas hipóteses se baseiam em uma narrativa autobiográfica e não em uma experiência clínica.

A própria autora apresenta sua obra como uma narrativa subjetiva de recordações pessoais, que pensa útil para «precisar algumas de [suas] posições e assim fazer descobrir aos leitores um mundo que lhes é estrangeiro e a maneira como funciona»⁵.

O objetivo do presente texto é compreender como, apesar das pressões grupais e da transmissão de certos valores e crenças desde a mais tenra idade, é possível adquirir a parcela de autonomia e originalidade mencionada por Freud.

Minha hipótese é que essa originalidade - a qual, no caso de AHA, toma frequentemente a forma de uma verdadeira resistência a um sistema opressor - repousaria fundamentalmente, de um ponto de vista psicanalítico, na capacidade desenvolvida muito cedo pela criança de captar, sem reprimir ou clivar sua percepção, certas contradições nas falas dos adultos, entre si e com os fatos, aliada ao fato de ter sido a filha preferida de um pai carismático e aberto, que não desmentia e até apoiava em geral seus questionamentos. Por outro lado, AHA não rompeu um vínculo precoce muito forte com sua mãe, apesar da violência exercida por esta sobre a filha em várias ocasiões. Um fator suplementar poderia ser a herança de uma «dívida transgeracional»: AHA escapou de um casamento forçado. Alcançou então sucesso no que fora uma tentativa fracassada da avó materna, enquanto sua mãe somente conseguira divorciar-se de um primeiro marido imposto depois da morte de seu próprio pai (avô de Ayaan).

Essas hipóteses opõem-se aos argumentos que procuram desqualificar as tomadas de posição políticas de AHA como sendo o resultado dos traumas por ela vividos, reduzindo-as a um suposto «auto-ódio»⁶.

Além disso, não se pode excluir o papel das condições sócio-históricas, entre outras que podem ter facilitado a ruptura com as tradições. Ayaan e sua família evoluem em um difícil contexto de transição para a modernidade em seu país de origem e seus países de exílio. Para muitos outros, tais condições contribuíram, ao contrário, para uma

5 MVR, p. 11.

6 Se os traumatismos vividos por AHA são múltiplos e inegáveis, isso não a impede de evocar uma infância cheia de momentos de alegria, de excitação transbordante, de brincadeiras com seus irmãos e também provocações, que exauriam a mãe e a avó!

exacerbação do laço com as tradições, ou mesmo um retorno a uma «verdadeira religião das origens», tão pura quanto mítica. Isso mostra que é possível levar em conta a subjetividade em sistemas comumente apresentados como fechados à noção de indivíduo e onde apenas haveria lugar para o coletivo⁷.

Vale ressaltar que processos diferentes estão em causa, conforme fazemos referência ao fato de alguém ter sido educado desde o nascimento em uma religião determinada ou descobrir de repente em si uma religiosidade da qual até então aparentemente não havia traço; passar de uma crença a outra (por vezes uma «religião laica», isto é, uma ideologia) ou ao ateísmo; adotar valores e práticas religiosas para conformar-se a um grupo ou desenvolver uma espiritualidade como busca existencial íntima; colocar a religião no centro de sua vida e seu cotidiano, vivenciar êxtases e outras experiências místicas, sentir-se tentado por alguma forma de radicalização guerreira em nome da religião ou guardar uma fé sem grandes obrigações que permita, em momentos de aflição ou incerteza, pedir socorro a uma divindade benevolente.

O percurso de AHA revela-se particularmente interessante por compreender várias dessas facetas, entre as quais, na adolescência, uma fase de atração por uma corrente rigorista, e mesmo jihadista, até sua escolha atual do ateísmo, ao preço de grandes lutas internas.

O vínculo à mãe.

Em seu primeiro livro, AHA descreve a viagem que realizou para ajudar na vinda ao Quênia, fugindo da guerra civil na Somália, da família de um homem muito importante para seu pai: o inventor do alfabeto somali. Entre esses refugiados, havia um recém-nascido que se encontrava em estado lamentável: «uma forma humana minúscula, toda encolhida, agarrada a um seio vazio»⁸. Apesar de sua magreza extrema e seu olhar inexpressivo, AHA deu-se conta que a criança ainda lutava para sobreviver e decidiu fazer tudo para salvá-la, contra a opinião dos demais que só aguardavam sua morte,

7 "Um artigo publicado no *Monde diplomatique*, assinado por Mounir Chamoun, defendia a ideia que um dos obstáculos à passagem da psicanálise no mundo islâmico era que o Islão consistia num sistema holístico, opondo uma recusa à dimensão da subjetividade individual, em proveito do coletivo" (Fethi Benslama, "La question du sujet en islam", in *La guerre des subjectivités en islam*, Paris, Lignes, 2014, p. 189-207). Para Benslama, trata-se de uma ideia que confunde individualismo e individuação, ideologia do ego e processo de subjetivação.

8 *MVR*, p. 259.

inclusive a mãe que esperava passivamente pela decisão de Alá. Quando o grupo chegou enfim a Nairóbi, depois de um longo e perigoso périplo, a criança recebeu tratamento e em poucos dias voltou a ser um bebê pleno de vitalidade. AHA relembra o olhar cheio de respeito que recebeu então de sua mãe.

Ora, é somente no final de seu segundo livro, na carta que endereça a «sua filha que ainda não nasceu», que encontramos a seguinte descrição de seu próprio e difícil começo de vida: "nasci prematura. O obstetra, as enfermeiras e os familiares presentes estavam todos convencidos que eu ia morrer, pois só pesava 1,700 kg. A única ideia de mamãe foi colocar-me sobre seu ventre, envolver-nos ambas nos lençóis de seu leito hospitalar e acariciar minhas costas cantando-me cantigas infantis. Manhã após manhã, noite após noite, meu pequeno coração continuava batendo e eu chorava - eram meus únicos sinais de vida. Ela me queria"⁹.

Muito provavelmente esse vínculo estabelecido em um momento fundador - que AHA repete com o bebê encontrado na Somália - ter-lhe-ia permitido preservar uma imago materna protetora e amante, que a queria em vida, apesar da rigidez e violência que podia por vezes demonstrar.

Como muitos nômades atraídos pela vida moderna, a mãe deixara o deserto nos anos 50 para estabelecer-se em Aden. Rigorosa, perfeccionista, altiva e ciosa de sua virtude, usava o véu para proteger-se dos olhares masculinos e aprendera a rezar (reservado aos homens, entre os nômades). Casada por imposição de seu pai com um homem rico que desprezava, pediu o divórcio após a morte do pai. Essa mulher bela e inteligente, poetisa, conheceu o futuro pai de Ayaan, um jovem idealista, quando este era seu professor em um curso de alfabetização. Casaram-se por amor mas, quando Ayaan tinha dois anos, seu pai tornou-se um preso político. Ela o reverá apenas aos oito anos, na Arábia Saudita, quando ele fugiu da prisão.

Se, durante os anos de prisão de seu marido, a mãe afrontou corajosamente a situação e o apoiou, na Arábia Saudita o casal entrou cada vez mais em conflito. Ao chegar a família, o pai, ocupado com um golpe de estado fracassado, partiu para a Etiópia e esqueceu de organizar a saída da família do aeroporto. Ora, as mulheres não podiam sair sem serem acompanhadas por um homem e por pouco a família foi reenviada à Somália,

⁹ *Nom*, p. 371.

o que teria tido consequências catastróficas. Felizmente, um homem do mesmo clã salvou a situação. Em seguida, o pai informou que só voltaria dali a alguns meses. "Essa noite, algo deve ter se quebrado na mãe"¹⁰, observa AHA.

Ayaan descreve o ambiente de harmonia, gentileza e paz reinante na Grande Mesquita de Meca, em contraste com as decapitações, os açoites e lapidações públicas que tinham lugar não muito longe de lá. A segregação entre os dois sexos se observava em todos os aspectos da vida quotidiana: os ônibus não eram os mesmos para homens e mulheres e mesmo as casas tinham divisões internas. Silhuetas vestidas de negro, as mulheres não podiam tomar um táxi ou fazer compras sem ter um homem a seu lado e muitas apanhavam dos maridos. Ayaan menciona igualmente bons sauditas e sua tolerância para com as crianças. Ela mesma apanhava de sua professora egípcia, que a chamava de «escrava», o que a levou a tomar consciência de ser negra. Acrescenta: "E diziam que tudo que não ia bem era por culpa dos judeus"¹¹, revelando o antissemitismo onnipresente.

A mãe não criticava os sauditas, mas sim seu marido, que não se ocupava das tarefas externas e privilegiava sua causa política em detrimento da família. Mahad, o irmão mais velho, exercia aos dez anos o papel de homem da casa como podia. A mãe queria absolutamente continuar a viver nesse país, pátria do Profeta, regido por suas leis, enquanto o pai desprezava os sauditas, que considerava supersticiosos e grosseiros e que, segundo ele, haviam pervertido o Islão.

No entanto, o reencontro com seu pai mudou a vida da menina. Até lá, não era muito valorizada por sua avó e o preferido da mãe era seu irmão - que incessantemente fazia Ayaan pagar pelo fato de ter-lhe roubado o regaço materno.

O pai, afirma AHA, "contrariamente a todos os adultos que conhecíamos, [...] achava que éramos formidáveis".¹² Apreciava os numerosos «por que» de seus filhos e, para desespero da mãe, as crianças aprenderam rapidamente a repetir uma frase paterna: "não é a regra que conta, mas o espírito"¹³. Mesmo na prisão, proibira sua mulher de praticar a excisão em suas filhas e sempre insistira para que frequentassem a escola, apesar das

10 *MVR*, p. 75.

11 *MVR*, p. 87.

12 *MVR*, p. 82.

13 *MVR*, p. 82.

resistências da esposa. Encorajava a expressão da verdade em seus filhos e Ayaan era sempre a primeira a confessar seus pequenos delitos infantis.

Ayaan era claramente sua favorita e chamava-a por vezes seu « único filho»¹⁴.

A menina teria podido facilmente deixar-se influenciar completamente por esse pai adorado. Mas no dia em que este respondeu a suas filhas - que afirmavam não mais quererem ser mulheres, nem virem a ser como a mãe - por uma citação do Corão: "O paraíso esta aos pés de tua mãe!", Ayaan não pode impedir-se de comparar os pés nus da mãe, rachados pelo trabalho doméstico e os do pai, luxuosamente calçados como convinha a uma pessoa de sua importância e de pensar: "O paraíso estava sobretudo aos pés dele"¹⁵.

Quando foram expulsos da Arábia Saudita, sem outra escolha a não ser partir para a Etiópia - e mais tarde para o Quênia - a mãe se opôs, pois detestava esses países e desprezava seus habitantes, cristãos infiéis. Por sua parte, o pai preferia claramente tais países, onde aliás era reconhecido e tratado como um líder importante. Após uma última discussão do casal em 1981, no Quênia, o pai partiu em missão política e não mais voltou. Ayaan pensa que este parou de escrever a seus filhos depois de ela ter confessado que não compreendiam mais o alfabeto osmaniano que ele tanto amava; dessa vez, a expressão da verdade teria precipitado o silêncio e afastamento do pai.

A cada deserção de seu marido, a mãe de Ayaan se tornava mais rígida e descarregava sua cólera sobre as crianças. Depois da separação, sua irritabilidade cresceu: "Até então sobretudo distante, com acessos ocasionais de gentileza, ela se habituou a corrigir-nos por qualquer razão, agarrando-nos pelos cabelos e batendo até seu braço cansar"¹⁶. Ayaan tenta frequentemente justificá-la: os castigos corporais eram a norma em seu meio e a mãe os aplicava de maneira coerente; mas se as demais crianças apanhavam de seus pais, isso não acontecia todas as semanas e não eram amarradas como ela. AHA reconhece que sua mãe tinha sido cruel com seus filhos, mas também que nunca os tinha abandonado - pode-se supor, por comparação com o pai. E principalmente afirma:

14 É preciso saber que o pai era muito duro com seu filho Mahad, que guardou as sequelas.

15 *MVR*, p. 92. Enquanto filha mais velha, aos oito anos, Ayaan já ajudava sua mãe a receber os numerosos convidados do pai que apareciam de improviso, lavando montanhas de louça, em detrimento de seus deveres escolares.

16 *MVR*, p. 118.

"Sabia que ela não nos detestava, era simplesmente infeliz"¹⁷. Ayaan lamenta sua mãe e compreende que "sua existência não se parecia em nada com aquilo que desejara e pensava merecer"¹⁸.

A propósito de uma nova humilhação pública, quando sua mãe foi informada por terceiros que o marido tinha se casado de novo, Ayaan pensa que "ela enlouqueceu um pouco nesse momento"¹⁹.

A mãe constitui assim um personagem cheio de contradições: suas iniciativas autônomas foram compensadas por uma religiosidade rígida, imposta mais tarde a suas filhas, sendo ela mesma uma vítima desse sistema enquanto mulher - pelo menos aos olhos de sua filha, que promete a si mesma não repetir as escolhas maternas, como não trabalhar e renunciar a toda independência.

Entretanto, em seu segundo livro, AHA apresenta a prática rigorosa de sua mãe como tendo sido a única referência estável durante seus anos de infância e adolescência: "A única constante de minha existência foi o apego inabalável de minha mãe ao Islão"²⁰. E poderíamos acrescentar: e seu próprio vínculo inabalável à mãe.

Nos esforços de d'Ayaan para justificar os excessos de violência materna, podemos reconhecer a tendência da criança traumatizada a preservar a situação de ternura, ao preço de identificar-se ao agressor no sentido ferencziano do termo, isto é, a incorporação do sentimento de culpabilidade do adulto²¹. Mas há também o reconhecimento de reais qualidades da mãe, como a coragem e o rigor, além de um esforço sublimatório que desemboca na luta política de AHA contra a opressão religiosa das mulheres, ao qual a identificação ao pai sem dúvida participa. O apoio do pai permitiu-lhe guardar "sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos"²²,

17 *MVR*, p. 118.

18 *MVR*, p.118.

19 *MVR*, p. 284. É preciso lembrar que o clã ao qual pertencia a mãe de Ayaan proibia toda expressão de ciúme.

20 *Nom*, p. 11.

21 "Mas a mudança significativa, provocada no espírito da criança pela identificação ansiosa com o parceiro adulto, é a introjeção do sentimento de culpabilidade do adulto" (Sandor Ferenczi, "Confusion de langue entre les adultes et l'enfant", *Psychanalyse IV. Oeuvres Complètes. 1927-1933*, Paris, Ed. Payot, 1982, p. 130).

22 "Se a criança se recupera de uma tal agressão, sente uma enorme confusão; em verdade já está clivada, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de ses próprios sentidos destruída" (Sandor Ferenczi, *op. cit.*, p. 131).

confiança frequentemente quebrada em casos de traumatismo. Essa busca de justiça para as mulheres parece também encontrar uma base importante em sua própria experiência traumática da excisão e, talvez ainda mais, na experiência de sua irmã. *A excisão*.

"Num certo sentido, ela vivia na idade do ferro": assim se exprime AHA a propósito de sua avó materna, que se ocupava dela, de seu irmão Mahad e de sua irmã mais nova, Haweya, durante o longo período em que o pai esteve na prisão e a mãe com frequência ausente. Educava-os no respeito do sistema somali de clãs²³ e da religião muçulmana, tal que praticada nas tribos nômades donde provinha. Uma religião adaptada a duras condições de vida, em que as mulheres não usavam véu pois isso atrapalharia seu trabalho e podiam amamentar os filhos sob o olhar indiferente de outros homens que seus maridos. Religião que deixava um largo espaço para gênios e espíritos malignos e considerava as mulheres responsáveis, por sua conduta, pela honra de todos os homens da família no sentido amplo: daí a necessidade de proteger as meninas e ensiná-las a temer e defender-se de todos os potenciais estupradores.

Segunda esposa, aos treze anos, de um comerciante nômade rico e juiz respeitado, a avó tinha tentado, alguns dias depois do casamento, voltar para a casa materna, mas tinha sido reconduzida imediatamente por seu padrasto. Desde então fora uma esposa impecável, que nunca se queixava nem fazia perguntas, encontrando força em suas preces a Alá.

Mulher muito eficaz quanto às táticas de sobrevivência, capaz de identificar uma mulher grávida pelo olfato, a avó considerava seus netos umas crianças modernas inúteis e parecia desprezar Ayaan em particular. Esta tinha medos julgados estúpidos (como sua fobia dos insetos) e não era suficientemente desconfiada.

Menos por suas repreensões do que por seu talento de contadora de histórias, a avó certamente marcou o espírito de Ayaan: "A moral de todas as histórias de minha avó repousava sobre a honra. É preciso ser forte, esperto, desconfiado; é preciso obedecer às

23 Desde seus cinco anos, Ayaan podia recitar de cabeça 300 anos de sua genealogia. "Ter um mesmo antepassado que um outro somali - mesmo de oitava geração - torna-os primos. Vocês pertencem à vasta família constituída pelo clã. Vocês se devem mutuamente alimento e hospitalidade" (*MVR*, p. 16). Um exemplo da força da fidelidade ao clã é o fato que o pai de Ayaan conseguiu evadir-se da prisão graças à ajuda de um membro de seu clã - o qual, denunciado, pagou-o com sua vida. Durante os anos em que o

leis do clã"²⁴. Histórias que falavam às vezes de mães corajosas, capazes de preservar seus filhos dos perigos, mas também de velhas feiticeiras muito feias, como a Matadora de homens ou a Açougueira, que tinham o poder de tomar a aparência de uma pessoa querida e respeitada, para no final atacar e comer sua vítima.

Podemos pensar que aos olhos de suas netas, a avó de Ayaan desempenhou o papel dessa feiticeira quando, aproveitando-se da ausência da mãe (e apesar da clara proibição do pai) organizou a excisão das pequenas Ayaan e Haweya (5 e 4 anos, respetivamente). Segundo Ayaan, "depois disso, Haweya nunca mais foi a mesma"²⁵.

AHA nos explica que na Somália, assim como em vários países da África e do Oriente Médio, as meninas são «purificadas» em torno dos cinco anos, cortando seu clítoris e os *labia* (às vezes são «apenas» picados ou recebem pequenos cortes). A zona em seguida é frequentemente costurada, deixando um pequeno orifício para a urina. A cicatriz resultante constitui um sólido cinto de castidade, que necessitará uma penetração violenta no momento da primeira relação sexual. Muitas meninas morrem de infecções provocadas por essa operação.

A excisão é uma tradição anterior ao Islão, que não é praticada em todos os países muçulmanos (e existe em alguns países não muçulmanos), mas está bem em acordo com o controle que se deve exercer sobre a sexualidade da mulher, pela honra de todos os membros da família e sua própria salvação: "A menina não excisada será possuída pelos demônios, sucumbirá ao vício e se tornará uma alma perdida e uma prostitua. Os imãs nunca desaconselham essa prática: graças a ela, as jovens permanecem puras"²⁶. Na escola corânica, as meninas assediavam aquelas que ainda não tinham passado pela excisão.

No retorno da mãe, a avó afirmou aos gritos ter-lhe prestado um serviço: "Imagine tuas filhas daqui a dez anos, com um longo *kintir* [clítoris] pendendo entre suas pernas".

pai esteve ocupado combatendo o ditador somali, membros ricos do clã garantiam o sustento de sua família. Fora do clã, não havia salvação.

24 MVR, p. 21.

25 MVR, p. 65. Haweya já moça sofrerá internações psiquiátricas na Holanda, apresentando delírios e alucinações; isso provocará sua morte prematura mais tarde na Somália, onde era submetida a tratamentos tradicionais. Depois da excisão, ela tinha se fechado em si mesma. As três crianças (na ocasião, o irmão tinha sido circuncidado) tinham recomeçado a urinar na cama. A excisão aparentemente contribuiu aos problemas de Haweya, sem ser evidentemente a causa única.

26 MVR, p. 61-62.

Segundo ela, sem a excisão nunca se casariam.

AHA espanta-se com as feministas que justificam a excisão com o argumento de que « é a cultura deles». Mesmo psicanalistas consagrados podem adotar essa posição. J. Laplanche, por exemplo, afirma no prefácio de um livro sobre a misoginia: "A destruição do tecido simbólico que percorre e distingue a diferença do masculino e do feminino encontra-se tanto na exposição do «unissex» que em certa campanha mundial recentemente lançada, que ataca sem discernimento as «humilhações» ligadas aos «ritos de passagem» (feridas simbólicas, em particular a excisão de meninas) sem se perguntar se essa intrusão de nossos critérios ocidentais em culturas seculares não é mais «bárbaro» e mais «cirúrgico» do que as práticas que se pretende extirpar sumariamente"²⁷. Outros se tranquilizam pensando que se trata de um problema ultrapassado, quando na realidade as excisões ainda ocorrem durante férias no país de origem ou em cozinhas familiares na Europa.

Ora, como vemos, trata-se de um eufemismo situar o problema da excisão em uma simples «humilhação». Quanto à «intrusão de critérios ocidentais», vê-se no caso de Ayaan que seu pai já era um crítico da excisão e queria poupar a suas filhas esse traumatismo.

Além do mais, o próprio Laplanche mostra em outro texto que a circuncisão, apesar dos fantasmas de castração que nela são projetados, representa sobretudo a retirada de uma parte «feminina», o prepúcio²⁸. No caso da excisão, trata-se de uma castração real de órgãos implicados no prazer feminino (ou tentativa de), baseada numa fantasia ou crença segundo as quais impediria uma transformação do clítoris em pênis desmesurado e da menina em mulher fálica dotada de uma sexualidade desenfreada²⁹.

Sexualidade ou religião?

A religião entrou de maneira mais consciente na vida de AHA através das orações que

27 Jean Laplanche, prefácio de G. Rubin, *Les sources inconscientes de la misogynie*, Paris, Ed. Robert Laffont, 1977, p. 9-10.

28 Jean Laplanche, *Problématiques II/Castration - Symbolisations*, Paris, PUF, 1980, p. 245.

29 "Descobri com espanto que a castração real era uma prática médica frequente. Sua prática incluiu a extirpação dos ovários de mulheres histéricas, a ablação do clítoris e dos lábios em meninas como tratamento contra a masturbação [...] a paciente mais importante dos anos de fundação da psicanálise de Freud sofreu esse tipo de tratamento quando jovem" (Carlo Bonomi, "Le conte du pénis sur le plateau. L'origine de la psychanalyse racontée à travers un rêve de Ferenczi", *Revue Le Coq-Héron* n.º 223, Paris, ed. Erès, p. 22-27, p.26) . Bonomi refere-se a Emma Eckstein, do célebre "sonho da injeção de Irma".

as crianças deviam endereçar todos os dias a Alá, para que liberasse seu pai da prisão - a prece infantil sendo considerada mais capaz de atingir Deus. Sem compreender exatamente o sentido do ritual, que durou até seus seis anos, a menina se espantava que o milagre demorasse tanto para se realizar e a mãe lhe dizia então para rezar com mais força.

As primeiras reações de ceticismo de Ayaan aconteceram em relação com a avó. Lá pelos seus três anos, observando a avó que «executa uma estranha pantomima»³⁰ (esta rezava), a pequena pensou que era uma brincadeira e tentou participar, o que lhe valeu insultos, golpes e mordidas. Uma prima mais velha explicou-lhe que havia atrapalhado a avó quando esta falava com Deus, o que pareceu inverossímil à menina, segura que não havia mais ninguém no quarto. A prima assegurou-lhe que ao crescer também ela poderia sentir a presença de Alá.

No Quênia, graças ao aprendizado do inglês, AHA teve acesso à cultura ocidental através dos livros da biblioteca da escola, que ela devorava às escondidas com a irmã: "imagens de liberdade, façanhas, igualdade entre meninas e meninos, confiança, amizade. Nada a ver com as duras histórias do clã contadas pela avó, com mensagens de perigo e desconfiança. Essas histórias divertidas, que nos pareciam reais, tocavam-me como nenhuma velha lenda havia jamais feito"³¹. Na adolescência, os livros românticos substituíram os livros de aventuras.

A violenta reação da mãe à chegada da puberdade de Ayaan colocou seriamente em risco o vínculo fundamental que as unia e esteve na origem de uma agressão que poderia ter custado a vida da jovem. Quando Ayaan, que nada sabia a esse respeito, teve sua primeira menstruação, o primeiro gesto materno foi chamá-la «prostituta suja» e bater nela; alguns dias mais tarde, mais calma, transmitiu-lhe alguns conselhos ultrapassados e pensou em retirar as filhas da escola corânica mista, que não lhe parecia mais capaz de proteger sua honra.

Como as meninas faziam todo tipo de travessuras no caminho para a escola, a mãe contratou um *ma'alim* (professor) itinerante para ensinar-lhes o Corão a domicílio. Vindo do fundo da Somália, este ensinava à moda antiga, fazendo decorar as suras em

30 MVR, p. 41.

31 MVR, p. 112-113.

árabe, sem nenhuma compreensão do texto. As meninas recusaram-se a continuar esse aprendizado e a mãe dispensou o mestre. Mas o homem voltou horas depois com um outro e, encontrando Ayaan sozinha na casa, vendou-lhe os olhos e espancou-a selvagememente; quando a jovem arrancou a venda e enfrentou-o com o olhar, o homem bateu-lhe a cabeça na parede, produzindo um estalo que fez os agressores fugirem. Quando a mãe chegou, puniu-a por não ter cumprido suas tarefas. Amarrada, Ayaan suportou o castigo sem contar o ocorrido. Disse à mãe que não queria mais fazer o trabalho doméstico, enquanto explicava os acontecimentos em inglês ao irmão que estava presente; mas este não quis envolver-se e partiu. Pela primeira vez AHA diz ter sentido ódio e falado com a mãe à maneira de sua irmã Haweya: "Vai. Pode bater, mate-me. E se não me matar, eu mesma o farei, quando tiver me soltado"³². A mãe não apenas bateu nela demoradamente mas só veio soltá-las às três da manhã. Ayaan desmaiou na escola, trouxeram-na para casa, onde tentou suicidar-se tomando comprimidos da mãe (que felizmente eram sobretudo vitaminas). Foi enfim salva por uma pessoa da família do pai que deu-se conta da gravidade de seu estado físico e levou-a ao melhor hospital de Nairóbi, às custas do clã, onde constatou-se uma fratura craniana e um hematoma comprimindo o cérebro.

Esse episódio em que Ayaan parecia ter perdido a vontade de viver encontra-se em oposição à cena fundadora: coloca-se nas mãos da mãe, esperando que esta demonstre novamente seu desejo que ela viva, mas a mãe, cegada pela cólera, não compreende nem o estado nem a demanda da filha. Um detalhe interessante é que esse hospital onde finalmente foi operada, após sua agressão, é o mesmo em que conduziu mais tarde o bebê refugiado.

Durante sua estadia no hospital, porém, restaura o vínculo: "compreendi pela primeira vez que, no fundo do coração, minha mãe me amava verdadeiramente, que sua violência não era dirigida contra mim mas contra o mundo, que lhe havia roubado a vida que merecia"³³. Quando de suas visitas, a mãe a encerrava em seus braços, repetindo que a amava. Ecos do momento do nascimento, em que estavam embrulhadas juntas nos lençóis? Ayaan precisa que, depois desse episódio, a mãe não tinha mais batido nela, ou em todo caso não «tão frequentemente»...

32 MVR, p. 131.

33 MVR, p. 133.

O vínculo à mãe permanece um baluarte contra os perigos do mundo e a morte. A religião rígida, arcaica e violenta para com as mulheres apresenta-se sob traços masculinos. A mãe, pensando proteger as filhas, tinha finalmente introduzido o perigo na própria casa.

Quando Ayaan completou dezesseis anos e a leitura de romances sexualmente excitantes permitia vislumbrar a possibilidade de fazer escolhas e bater-se por elas, uma certa irmã Aziza assumiu o curso de educação islâmica. Coberta por um *hijab* negro da cabeça aos pés, mãos enluvadas, essa mulher jovem, bela e sorridente, que jamais gritava, introduziu a possibilidade de discussões éticas em lugar do aprendizado «de cor» da lista de batalhas e revelações do Profeta. A sinceridade de sua própria adesão reforçava o poder de doutrinação. Começou perguntando quantas meninas eram muçulmanas e, quando todas levantaram a mão, duvidou da resposta. Perguntou diretamente a Ayaan quando esta rezara pela última vez, fazendo-a estremecer interiormente. Nenhuma se lembrava. E irmã Aziza evocou o objetivo da reza, a consciência da presença de Alá e dos anjos e a submissão absoluta e constante à Sua vontade. O gesto não bastava, a intenção contava mais, para um Deus que via tudo o que se passava nos corações.

AHA relembra os terríveis e eternos tormentos do inferno descritos no Corão e ensinados na escola corânica. Mas irmã Aziza não jogava com os medos de suas alunas e «deixava-lhes a escolha»³⁴ de submeterem-se ou seguirem uma outra via. Ayaan a princípio permaneceu cética, mas irmã Aziza não se importava. Segundo ela, "Deus nada espera de nós, nem mesmo orações que não manifestem uma intenção profunda. Ele espera uma submissão plena e completa, pois tal é a significação do Islão [...] Quando vocês estiverem prontas, escolherão portar o véu e não o deixarão mais"³⁵.

Irmã Aziza tem tudo para seduzir Ayaan, com seu discurso cheio de consignas paradoxais (e portanto hipnóticas): Deus não espera nada, mas espera a submissão completa. A professora representa uma figura materna que parece conciliar o rigorismo da mãe e a permissividade do pai: aparentemente desprovida de violência e aberta ao questionamento, mas fundamentalmente manipuladora, de maneira consciente ou não. O fato que utilizasse uma versão bilingue do Corão, para que os alunos compreendessem o que liam, só podia impressionar Ayaan, que há tanto pedia por isso.

34 Aspas nossas.

Ayaan sai nessa época com um amigo de seu irmão; estão apaixonados e ela experimenta seu primeiro beijo, «maravilhoso». Mas a jovem sente-se culpada em relação ao clã, a irmã Aziza e a Deus. Quando descobre mais tarde que o rapaz é cristão e não muçulmano, a ruptura torna-se inevitável.

Irmã Aziza explicava que as mulheres tem um imenso poder, tudo nelas constitui uma tentação para os homens e ameaça instaurar o caos na sociedade. A feminilidade torna as mulheres tão irresistíveis quanto sujas, exigindo vários rituais higiênicos - outro paradoxo. Aos poucos, Ayaan retoma as preces e cobre-se com um véu negro amplo, que a cobre até os pés.

Submissa e onipotente, Ayaan descreve suas sensações sob o véu, não sem uma certa ironia: "Usar essa vestimenta era algo excitante, sensual. Experimentava um sentimento de potência com a ideia que, sob essas pregas negras, dissimulava-se uma feminilidade cujo poder mortal eu não suspeitara até então"³⁶. Como não havia muitas mulheres veladas em Nairóbi, sentia-se superior às outras, uma verdadeira muçulmana: "Quando abria os braços, tinha a impressão de poder voar"³⁷.

Esse estado de espírito maníaco relacionava-se também com o prazer que tais mudanças produziam em sua mãe: "Enfim um raio de sol iluminava a aridez de sua existência. Enfim eu fazia algo de bem"³⁸.

Irmã Aziza, que tinha estudado na Arábia Saudita, exprimia a mesma diabolização dos judeus que Ayaan já conhecia. Ademais, incitava suas alunas a converterem suas colegas cristãs, para salvá-las dos tormentos do inferno. A tentativa de Ayaan foi recusada por suas companheiras, mas pensou que não era culpa delas; porém a professora afirmou que, se a escolha lhes tinha sido oferecida e que elas haviam rejeitado a verdadeira religião, sua futura punição era bem merecida. Isso conduziu Ayaan a renunciar a seu proselitismo, para evitar agravar o caso das amigas. Quanto às explicações contraditórias sobre a predestinação, em que o destino de cada um seria determinado por Alá, mas as pessoas disporiam entretanto do livre arbítrio - evidentemente para fazer

35 *MVR*, p. 140-141.

36 *MVR*, p. 147.

37 *MVR*, p. 147.

38 *MVR*, p. 147.

a boa escolha, obedecer a Deus e não a Satã - Ayaan se dizia que tinha compreendido mal, sem sentir-se muito convencida.

AHA observa que a corrupção e as perseguições levam os homens de maneira geral a retornar a suas tribos, tradições, igrejas ou mesquitas. No que diz respeito ao Islão, um movimento militante começava então a desenvolver-se, a partir do estudo aprofundado do Corão e da palavra do Profeta.

Nesse momento, cinco anos após a partida do pai, a família descobriu que tinha se casado de novo e tido uma filha. Ayaan perdeu toda a esperança, que tinha guardado sem se confessar, que retornaria um dia e, com ele, a atmosfera calorosa que perdurara em sua memória. Continuou a usar o hijab, mas a rebelião contra a tradicional sujeição das mulheres começou a crescer em seu foro íntimo. Tinha dificuldade em ignorar as incoerências das regras e dogmas religiosos, que custara a aceitar desde a infância, ao mesmo tempo que aspirava a ser virtuosa e submissa.

Cada vez se viam mais jovens da Irmandade Muçulmana em Nairóbi, pregando o retorno a uma fé pura e originária. Sua influência parecia positiva, na medida em que os jovens consumiam menos drogas, eram protegidos do Sida pela abstinência e os membros da confraria eram considerados confiáveis e honestos.

Ayaan aderiu a um grupo de jovens muçulmanos que organizava debates semanais em inglês. Liam as obras de Hassan al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana no Egito, nos anos 20, com o objetivo de combater a influência ocidental entre os muçulmanos, bem como a obra de Sayyid Qutb, que pregava a revolução como meio de reinstaurar o Islão puro do Profeta na terra. Para defender o Islão de uma suposta cruzada conduzida pelos judeus e o Ocidente e estabelecer um governo islâmico mundial, o jihad em sua variante guerreira apresentava-se como a solução.

Porém Ayaan, apesar de seu interesse pelas discussões, espantava-se entre outras coisas com o « número de grandes pensadores que se tinham dedicado a determinar exatamente qual a quantidade de pele que uma mulher podia desnudar sem temer desencadear os elementos"³⁹. Reconhecia, aliás, não ser capaz "de respeitar os preceitos religiosos regendo a sexualidade e a vida interior. Queria ser alguém, existir por mim

39 MVR, p. 186.

mesma"⁴⁰.

Durante a prece, como no tempo de sua infância, não sentia a presença e a força de Deus. A seu lado, sua meia-irmã Ijaabo, muito religiosa, parecia experimentar verdadeiros êxtases, enquanto ela mesma sentia-se «condenada ao fracasso». Ora, os êxtases de Ayaan eram muito mais terrestres: a excisão não suprime o desejo e ela podia viver grandes momentos de prazer em algumas situações amorosas que viveu durante esse período.

Continuava fascinada pelos romances ocidentais, em que os dilemas morais encontravam soluções inesperadas, complexas e sobretudo coerentes. Quando o aiatolá Khomeiny lançou uma *fatwa* contra o escritor Salman Rushdie, condenado à morte por crime de blasfêmia e apostasia, irmã Aziza, casada com um xiita, convidou Ayaan para vir ao centro comunitário muçulmano, onde assistiu a um auto-da-fé: o livro de Rushdie foi queimado sob os gritos de alegria dos jovens presentes. Ayaan não chegou a contestar a condenação à morte do autor, visto que este teria insultado o Profeta; mas o fato de queimar um livro provocou-lhe um mal-estar difícil de definir. Como escreve: "Creio que devo minha salvação aos romances e à ausência de meu pai, que me fez tomar consciência da impotência de minha mãe sozinha"⁴¹.

Ateia

A narrativa de AHA comporta ainda muitos episódios, entre os quais o momento decisivo em que seu pai retorna a Nairóbi, em 1991: "Permanecia inspirado pelo projeto de uma Somália independente, mas acreditava doravante que apenas o Islão podia reconciliar os clãs adversários e por fim à violência que assolava o país"⁴². Um ano depois, anunciou à filha ter dado sua mão em casamento a um jovem canadense, que ela nunca tinha visto e que o pai acabara de encontrar na mesquita. O casamento realizou-se sem a noiva, que recusou estar presente, o que não impediu a cerimônia e a união de serem legalizadas. A festa e a noite de núpcias deviam realizar-se no Canadá, o que permitiu a Ayaan, durante o trajeto, fugir para a Holanda.

Nesse país, abandonou aos poucos sua «tenda negra» e descobriu uma cultura que lhe

40 *MVR*, p. 223.

41 *MVR*, p. 161.

42 *MVR*, p. 276.

parecia corresponder cada vez mais a suas expectativas profundas: a liberdade de expressão, a possibilidade de viver confiante e aproveitar a vida na terra, em vez de considerá-la como uma simples passagem, a possibilidade de seguir estudos universitários e viver a sexualidade como uma escolha.

Em razão de sua fuga, foi banida por boa parte de sua família, pelo clã e seu grupo religioso. Seu pai amaldiçoou-a. A princípio, esperava mesmo ser morta pelos seus, vítima de um crime destinado a lavar a honra de todos. Mas talvez por ser filha de um pai legendário, ou por ter apresentado uma defesa convincente, um conselho de Anciãos do clã concedeu-lhe o divórcio.

Quando assumiu-se enfim como ateia, já tinha pago um preço exorbitante por isso. Mas suas posições sobre as mulheres e a necessidade de um Iluminismo para o Islão lhe valem ainda sérias ameaças de morte (o assassinato de Theo Van Gogh é a prova), que a obrigam atualmente a ser protegida por uma escolta.

AHA reencontrou seu pai em Londres, quando estava moribundo. Nessa ocasião, reviu Sahra, sua meia-irmã. Ayaan relembra: "Quando meu pai morreu, não era tanto ele que me fez falta, mas a ilusão de uma certeza, o sentimento infantil de ser amada [...] eu compreendia perfeitamente o que Sahra e outros encontram na religião, isto é, a oportunidade de ser novamente uma criança protegida que se toma pelo braço e a quem indicamos o que é bem e o que é mal, o que fazer e o que não fazer - liberando-se de toda reflexão". E mais adiante: "Pode ser que Sahra seja oprimida, de um ponto de vista objetivo (em todo caso, do meu), mas não é a sua percepção. Tem uma filha e um marido, encontra-se ao abrigo da solidão. Está *em seu lugar*. Tem a certeza, a força, os objetivos claros que decorrem da fé. Esteve ao lado de meu pai na velhice e na morte. Eu não"⁴³.

Apesar dessa constatação de tudo a que precisara renunciar e, ao mesmo tempo, respeitando a escolha de quem pensa diferentemente, AHA parece ter se tornado uma «infiel» para finalmente permanecer fiel a si mesma, à sua consciência aguda da «discordância insuportável entre o mundo que nos demandam enxergar e aquele no qual vivemos em realidade"⁴⁴.

43 *Nom*, p. 75.

44 *Nom*, p. 58.